

JOÃO VALE FERREIRA

CALIMERAS



1.134.3-1 Ferreira

R



JOÃO VALE FERREIRA

Licenciado em Humanidades Clássicas pela Universidade Católica Portuguesa.

Pós-Graduado em Direito da Comunicação pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

Concluiu, em 1994, na Direcção Regional da Educação do Norte, as provas públicas do Exame de Acesso ao Oitavo Escalão, com o grau de *Muito Bom*.

Professor do quadro de nomeação definitiva do Ensino Secundário com "Estatuto de Formador para Educadores de Infância e Docentes dos Ensinos Básico e Secundário".

Tem exercido a actividade docente no Ensino Preparatório, Secundário e Superior.

Tem apresentado comunicações no âmbito das suas especialidades.

Como convidado especial, proferiu, no Brasil, em 1995, o discurso comemorativo dos cem anos do Centro Português de Santos (São Paulo).

Neste ano de 2001, tomou parte activa em acções de formação sobre *Voluntariado*:

- No Congresso Internacional do Algarve (Tavira), em Março, com a comunicação e debate do tema "Voluntariado: a Dádiva Exige Qualidade".

- No Colóquio das comemorações dos oitenta anos dos Bombeiros Voluntários de Barcelinhos (Junho), com a dissertação "As Infra-estruturas do Voluntariado".

CALIMERAS

EDIÇÃO DO AUTOR

JOÃO VALE FERREIRA

CALIMERAS

BARCELOS
SETEMBRO DE 2001



Título: CALIMERAS

Autor: JOÃO VALE FERREIRA

Capa: JÚLIA ANDRADE

Depósito legal: 171181/01

Execução gráfica: CIC – CENTRO DE IMPRESSÃO CORAZE

Oliveira de Azemeis

Data de saída: Setembro de 2001

PREFÁCIO

Dr.^a Goreti Machado *

Porque a poesia é
Um cego que guia
Um mudo que fala
Um surdo que responde
Um morto que vive.

Calimeras é vida.

Obra escrita metaforicamente numa poesia / prosa sábia,
inteligente, agradável e bela, conduz o leitor ao "eu" do poeta:

"vou dizer-te o segredo do meu verso
Jamais o labirinto da ilusão
Penetrou este peito de universo..."

(Amizade)

conduz o leitor à sua alma forte e vibrátil:

"Tenta poeta!

.....

Cega, poeta!

.....

Fala, poeta!"

(Voz incómoda)

conduz o leitor ao amante da Língua Portuguesa:

"É imperativo que o vate luso, no seu lirismo ou no seu
fervor épico, ame esta língua bendita..."

(Sábado)

Ler *Calimeras* é viver.

* Licenciada em Humanidades, Professora
de Português e Presidenta da Associação
dos Antigos Alunos da Universidade
Católica Portuguesa

CALIMERAS

Calimera provém do Grego
Kalé, adj. fem., bela, e
heméra, subs. fem., dia.

Calimeras: saudações-mensagens. Significam *belos dias; bons dias*.

As *calimeras* deste livrinho *sentem-se*: pequeninos textos, onde os cumprimentos matinais são diários. Semana preenchida!

Calimera! Belo dia! Bom dia!

“Desdobraremos, ufanos,
Em heróicas calimeras,
Os suaves oceanos...”

in *Perfis I*, pág. 50

CALIMERAS

Oiço, sempre, dia-a-dia,
Poemas de primavera:
Versos ledos de bom-dia,
Ternuras de *calimera*!

É de *paz* este tesouro,
É jucundo este sentir.
Esta voz contém o ouro,
O fascínio de porvir...

O ensino da pulcritude
É *de pé* e, sempre, *agora*,
Passa por sonhos, virtude,
Por *terras* da minha aurora...

O *poema* escoia *vida*,
Amizade e melodia:
Fulge sempre a dar guarida,
Em desdobrável *bom-dia*!

Fervilham as *calimeras*
De azul, verde e festim:
Oxalá sejam quimeras
Dum Setembro de cetim.

Aqui, fica *um* roseiral,
Numa rota sem esperas.
É o lindo Portugal -
- Beijo, abraço, *calimeras*!

Oiço, sempre, dia-a-dia,
Poemas de primavera:
Versos ledos de bom-dia,
Ternuras de *calimera*!

Calimeras

Voz

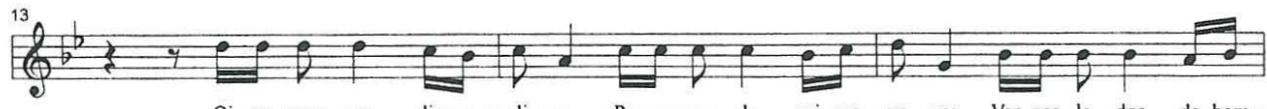
Poema: João Vale Ferreira
Música: António Araújo de Oliveira

1 

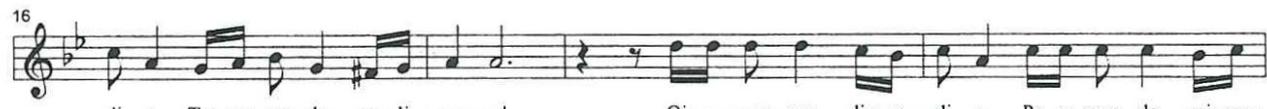
Ê de paz es - te te - sou - ro, Ê ju - cun - do es - te sen - tir.
O en - si - no da pul - cri - tu - de Ê de pê e, sem - pre a - go - ra,
O po - e - ma es - coa a vi - da, A - mi - za - de e me - lo - di - a:
[Instrumental]
Fer - vi - lham as ca - li - me - ras De a - zul, ver - de e fes - tim:
A - qui fi - ca um ro - sei - ral, Nu - ma ro - ta sem es - pe - ras.

8 

Es - ta voz con - têm o ou - ro, O fas - ci - nio do por - vir...
Pas - sa por so - nho, vir - tu - de, Por ter - ras da mi - nha au - ro - ra...
Ful - ge sem - pre a dar gua - ri - da, Em des - do - brá - vel bom - di - a!
O - xa - lá se - jam qui - me - ras Dum Se - tem - bro de ce - tim.
Ê o lin - do Por - tu - gal - Bei - jo, a - bra - ço, ca - li - me - ras!

13 

Oi - ço, sem - pre, dia - a - di - a, Po - e - mas de pri - ma - ve - ra: Ver - sos le - dos de bom -

16 

di - a, Ter - nu - ras de ca - li - me - ra! Oi - ço sem - pre dia - a - di - a, Po - e - mas de pri - ma -

20 

ve - ra: Ver - sos le - dos de bom - di - a, Ter - nu - tas de ca - li - me - ra!

António Araújo de Oliveira é licenciado em Engenharia de Sistemas e Informática; Professor do Ensino Secundário; ex-Maestro da Banda de Oliveira; Fundador do *Octreta* e do Grupo de Música de câmara.

Calimeras

Voz e Piano

Poema: João Vale Ferreira
Música: António Araújo de Oliveira

1

Voz

Órgão

mf

p

Gmin FMaj Gmin Cmin7 D7 Gmin EMaj Cmin7

6

1.º, 3.º, 5.º

FMaj Gmin C7 FMaj BbMaj D7

1.º, 3.º, 5.º

12

2.º, 4.º, 6.º

D7 Cmin BbMaj FMaj Gmin FMaj C7

17

D7 Cmin BbMaj FMaj Gmin Gmin7 D7

22

Gmin

27

mf

rit.

p

Gmin BbMaj FMaj Gmin Cmin7 D7 GMaj

GRÉCIA

Grécia: o grito longínquo
Da minha língua adorada!

Grécia: os milénios
Vivos,
Em fragrância,
Relevância,
No fascínio
Dos proscénios...
... Na grandeza
E profundeza
Da Acrópole...

Grécia: a pulcritude
Em plenitude
De mil lições
Num só Poema!

Minha guitarra louca de quimera,
Meu orvalho de nobre Primavera:
És, Grécia, o Portugal das Olimpíadas,
A Ternura escaldante d'"Os Lusíadas" ...

És, afinal,
A nascente cultural
Da minha Pátria!...

in *Flamas*, pág. 45

1992.12.27

Domíngo

POESIA

Poeta!
Amanhece, de novo, a rebeldia
Contra o marasmo feio, desabrido.
Não temas a coragem, a energia,
Que transmuta em pomar todo o brasido.

Poeta!
Semeia de quimeras o país.
Enfurece a incerteza do progresso.
Aniquila a fachada de verniz
Que oprime, que destrói o bom sucesso.

1998.08.10

POEMA

Poema até que o meu ser se povoe
De rajadas de vento e de silêncio,
Do verbo amar nos tempos das activas...

Poema até que a voz do sol ecoe
No horizonte de Cícero e de Terêncio,
Nas fortes penedias, transitivas.

Poema até que a minha voz, tolhida
Pela loucura frágil, persistente
Da velhice sem norte e sem candeia,

Atinja a solidão triste, dorida.
Poema até que o peito padecente
Jamais queira a quimera da epopeia!

1996.02.26

AGUARELA

Pintei de sol
O escuro
Da tristeza.

Espalhei o sonho
Risonho,
Nas margens poluídas
Da ilusão...

Amanheci a fresca ideia
De tecer mil versos
No horizonte da esperança...

Fustiguei a cegueira
Do cansaço
E da angústia,
Nas longas madrugadas
Magoadas...

Roí silêncios,
Desertos,
Fragilidades cavas,
O castelo do longe
E o afivelar do perto...

Combati ventos amargos,
Na rota sonolenta da brandura!
Fervilhei os tristes largos,
Em ondas maviosas de ternura

1995.09.09

Segunda-feira

VOZ DILIGENTE

Enche, poeta!
Enche de versos
O poema que architectaste,
Na infância!

Violenta
As palavras passivas da ilusão.
Ensina
Aos sem-nexo o luar da redenção.

Ponteia
De felino calor o redigir
Da tarde,
Onde vive, opressivo, o demulcir...

VOZ INCÓMODA

Tenta, poeta!
Não temas os profetas da desgraça!
Não passam da chalaça!

Cega, poeta!
A serôdia e mundana hipocrisia,
Sem rebeldia!

Fala, poeta!
Aos vessos e aos estrábicos do sonho
Sobre o sol do risonho!

Ensina aos permissivos do poema
O luar da quimera da ternura!
Vínca o reinado sóbrio do teorema!
Escuta o som audível da ventura.

2001.08.04

PETIÇÃO

Desassossega, Poeta,
As noites de ilusão!

Grava no vento
A ternura da cor do poema!

Rompe o tormento
Do pseudo, do faz-de-conta,
Do cinzento!

Tece a beleza
E lhaneza
Dum viver
De pomar,
A amanhecer!...

Dizima, a granel,
Cansaços,
Podres silêncios,
Ondas de fel...

Vigia a palavra pura,
Na grandeza ortográfica
Da nossa formosa língua...

1995.08.02

Terça-feira

MODERNIDADE

Para amar o momento que passa,
É preciso cegar o banal:
Derreter petulâncias de outrora
E fazer do presente o vital.

É ternura, é encanto, é poema,
Dia-a-dia sonhar a Canção:
Não arder em palavras de um longe
Que envergonham um sol de razão

INANIDADE

Ouvi, com atenção, as tuas gestas,
Que me ias revelando dia-a-dia:
Eram banalidades indigestas
A tingirem de inerte esta eufonia...!

1993.12.30

MUDANÇA

Ensina, poeta!
Ensina os vessos do poema
A ver a linha do sonho
Risonho,
No dilatado horizonte
Do pomar!

Cega, poeta,
A antiternura
E desventura
Do maninho
Sem esperança!

Remenda, poeta,
O cavo feitio
Em desvario
Dos mentores da ilusão!

Tinge de canção
E pulcritude
Tanto verso de inquietude,
Na galáxia
De refinada hipocrisia!

Embacia de névoa alvinitente
A tristeza,
O cansaço
E o fracasso
Do silêncio pungente,
Em tarde de humilhação!

Zurze, poeta,
A mesquinhez
A ignorância atrevida,
A altivez
Desenxabida,
O fervilhar sem nexo!

Seca o antipoema
Da noite
Sem estratagema
De luar!

1995.07.28

Quarta-feira

DE PÉ

De pé se espera o poema,
De pé se fazem discursos,
De pé se dá o ensino
Aos grandes, pequenos cursos...

De pé se espera a rainha,
O ministro, o comandante.
De pé se faz a homilia.
De pé vive o vigilante.

A pé se vai à montanha,
Por entre a urze e o rochedo.
De pé se enfrenta o medonho,
Por entre as brumas do medo.

De pé se faz movimento
Nas serras e nas searas.
De pé vibra o futebol
E as posições que abraçaras.

De pé se espera o juiz.
Servimos a refeição
Ao bom, ao pobre, ao doente
E também ao cortesão.

De pé sentimos o estro
E a grandeza da epopeia,
Os versos de um sol doirado
E a ternura em melopeia...

De pé sonhamos a lua,
A doçura e o roseiral.
De pé tecemos a seiva,
Em Primavera outonal.

De pé bramimos o erro
E o estrabismo moderno...
A fragrância envolta em breu,
E a frialdade de inverno.

De pé se engoma a canção,
Na esquina da melodia.
De pé crepita a fogueira
Na margem da cortesia...

AGORA

Estou sempre à tua espera!
Vales o sol, o sorriso!
Evitas a primavera!
Espalhas-te no indeciso!

Põe a render os talentos.
Trilha o rumo da coragem.
Não embarques em tormentos,
Em loucuras de miragem!

Deixa o Inverno de lado.
Não queiras a covardia:
Ouve o meu verso, o meu brado,
Ama o Canto, a Cortesia...

DIDÁCTICA

Hei-de deixar bem vincado
Na esquina do entardecer,
Numa fonte, num eirado,
Na voz do vento a correr,

O certo da convivência,
A ternura das mimosas,
Das almas em transcendência,
Os sonhos das mariposas...

Hei-de deixar no granito
Um verso longo, sem fim,
Cheio de sol e de grito,
Que formei dentro de mim...

Por detrás do meu pomar,
Em humana penedia,
Hei-de meu Canto gravar,
Em compasso de eufonia...

2000.09.01

Quinta-feira

LIJÓ

Lijó da minha infância,
Da minha adolescência,
Do sonho e da fragrância...

Lijó da alvinitência,
Do sol e da constância,
Da epopeia em potência...

Lijó da minha ausência,
Dos poemas cansados,
Inertes, ensonados...

Sê o sal, a franqueza,
O nexó e a grandeza
Dos versos malogrados...

Hei-de dar-te a ternura do poente,
A voz alcandorada na quimera,
O grito jovial, incandescente,
A energia sem sombras, sem espera...

Guardo-te no baú do sentimento,
Na hipófise — comando do meu ser:
Serás pra mim o canto, o condimento
A lua em oração, o alvorecer...

BARCELOS

Minha terra minhota,
Verde e garota,
Quem te cantará?

Quem cantará
O teu sorriso?
Tua quimera
De Paraíso?

E, porque anoitece,
É chegada a hora
De contratar o cantor
De harpa
E guitarra
Que deixe indelével,
No granito suave da História,
A garra,
O amor,
A devoção
Deste Cávado traído,
Carcomido
Pela ganância
Sem fragrância...

... Destas serras em poema,
Destes vales de alfazema,
Desta beleza sem par?...

Quando virá o cantor
Desta terra-sol
Refulgente,
Meiga colmeia
Que, em estilo fervente
De epopeia,
Violente
E ponteie
A quietude mortíça,
A falta de inspiração
E o verso desbotado,
Ressequido?!...

VIANA DO CASTELO

Viana de olhar meiguinho!
Viana dos meus quarenta!
Viana de sonhos lindos!
Viana de Monserrate!
Viana de sóis infindos!

Viana da Senhora da Agonia!
Do eterno marulhar alvinitente!
Da Rainha do ver, Santa Luzia!
Do génio penetrante, refulgente!

Fui ver-te,
Na mansidão da manhã...

Levei comigo a saudade,
Na limpidez do verso mavioso...
... E a dilatada amizade
Que fervilha fagueira
E altaneira,
No recanto do Poema...

Vi-te, adorada Viana,
Na grandeza
Do teu Lima de princesa....

Senti-te bela, ofegante,
Em canção febricitante,
De granito e heroicidade!

Eu quero, linda Viana,
Que sejas o magistério
Do sol e vento que chegam,
E da espuma de mistério.

Eu quero, linda Viana,
Que rompas névoa, fadário:
Que embebas de maravilha
Todo o teu abecedário...

Viana de olhar meiguinho!
Viana dos meus quarenta!
Viana de sonhos lindos!
Viana de Monserrate!
Viana de sóis infindos!

Sexta-feira

CARNAVAL

Carnaval - adeus à carne,
Adeus ao verso de azul,
Adeus à felina máscara,
Adeus ao vento do sul!

Nada salgado ou medonho,
Neste domingo de sol:
Só Benfica-Boavista,
Em lindo empate de escol.

Hei-de um dia ser giesta
Ou poema horizontal,
Pra louvar toda a verdade
Por detrás do Carnaval.

Hei-de cantar ditirambos
Acerca do meu Entrudo:
É preciso ser Poema,
Em ternura de veludo...

PÁSCOA

Festa da Páscoa!

Meu júbilo do tempo de menino!
Meu fascínio de sã adolescência!
Beleza sacrossanta em meu destino!

Páscoa do Minho!

O horizonte vestido de poema!
Um compasso de sol e melodia!
A rota do perfume em diadema!

Páscoa de sonho!

O retorno às origens da mansão!
O ressurgir fulgente de Jesus!
O transmutar do fel em mansidão!

2001.04.14

VINTE E CINCO DE ABRIL

Vinte e cinco de Abril!
Amanheceu o sol.
Brotou água da fonte.
Cantou o rouxinol.

Vinte e cinco de Abril!
Colheita de açucenas
No jardim da ternura...
Nascem vidas morenas...

Vinte e cinco de Abril!
A noite e a solidão
Morrem tristes, doentes
No etéreo da Canção!...

1994.04.25

CINCO SÉCULOS!

Cinco séculos, feitos de poema,
De martírio, de sonho e de canção:
A ternura e o cansaço, em diadema,
Envolvem o cinzento do senão...

Portugal crepitou na penedia
A mensagem de um Deus de mansuetude:
Tingiu de sol a bruma da anemia;
Roeu o vício vil, cegueira rude...

Caravelas cruzaram a lonjura,
Partiram o letargo do fadário:
Cristo entrou... emergiu a Formosura,
A linha do Pomar, o Abecedário...

1995.05.18

A FESTA DA POESIA*

Minhas senhoras
e meus senhores,

Os Gregos legaram ao mundo um caudal maravilhoso de conhecimentos.

A nossa Cultura assenta, profundamente, na sabedoria insofismável desse pequeno país em extensão, mas grande na sua língua, nos seus costumes, na sua arte, na sua classe.

Poesia provém do Grego *poíesis*, que, por sua vez, radica no verbo *poiéo*, que significa **fazer, fabricar, produzir, causar, criar imaginar, inventar, exercer influência.**

**Poesia é, assim, a criação
a acção de fazer alguma coisa.
É a fabricação (a confecção),
a arte de fazer versos.
É, enfim, a faculdade de redigir,
transmitir e comunicar, em linguagem
conotativa, a inspiração ardente que se
aloja na hipótese.**

Por isso, minhas senhoras e meus senhores, na sua génese, **POESIA** é das palavras mais importantes da língua lusa.

Se é verdade que o **ser humano** deve trabalhar, deve fazer algo de útil a si e aos outros.

Se é verdade que a criação, a produção do bem e a arte poética foram queridas dos pensadores, dos sábios, dos santos todos deveriam estar para sempre reconhecidos aos homens e às mulheres que fizeram, que trabalharam, que ergueram bem alto a voz da *poíesis*, da poesia.

Meus Amigos,

Hoje, é a festa da poesia.

E, sobretudo, por três motivos excelentes:

1.º) porque o **poeta** deve ser um **homem do ser**, isto é, o artista deve cultivar o humanismo, a alegria, a lealdade, a tolerância, a dedicação, a delicadeza de sentimentos, a amizade.

2.º) porque o **poeta** deve ser esse verdadeiro Artista que faz, que fabrica, que exerce influência.

O poeta é o **verdadeiro Artista** que comunica em linguagem inspirada e ardente da imaginação e do sentimento.

É o homem da **poíesis**, da acção, da criação, da originalidade.

3.º) porque a poesia, hoje condecorada, neste conclave do Paço dos Duques, foi e continua a ser cantada na Língua de grandes Vates.

Não posso esquecer o grande Luís de Camões, nem o Médico dos nossos dias Adolfo Rocha — o imortal Miguel Torga — ou o professor de Ciências Físico-Químicas, Rómulo de Carvalho, que há-de ficar para todo o sempre conhecido pelo pseudónimo de António Gedeão.

A nossa Língua Portuguesa, que eu amo, apaixonadamente, está nos cinco continentes, mas mal conhecida em alguns deles.

Como curiosidade, referirei que, em 1998, em Macau, quase ninguém sabia Português: nem os taxistas, nem os comerciantes, nem os orientadores dos hotéis.

A nossa Língua, todavia, meus Amigos, presta-se, à maravilha, para as nobres interpelações épicas ou para as excelsas confidências do lirismo.

O poeta deve, por isso,

escrever bem,

comunicar bem,

defender, com o seu exemplo,

a nossa querida Língua Portuguesa.

É imperativo que o vate luso, no seu lirismo ou no seu fervor épico, ame esta Língua bendita, tão mal tratada na Comunicação Social ou nos pseudopoemas ou pseudodiscursos.

Minhas senhoras
e meus senhores,

Hoje, é um momento alto, de júbilo, para os seguidores de Orfeu.
Contrariamente, ao que fazem os Governos, o Dr. João Barroso da Fonte levanta a chama da poesia,

clama pelos direitos dos poetas,
organiza esta saborosa reunião,
tenta os possíveis e os impossíveis...
Obrigado, Barroso da Fonte.

Governos sucessivos não quiseram saber dos cultores das musas.
O Governo dos nossos dias gasta balúrdios em banalidades, em futilidades, no supérfluo, na incompetência.

Que recompensa dá o Governo aos defensores do lirismo, da epopeia? Aos defensores da Língua, da Arte, das Qualidades Humanas, através da Poesia?

Até quando esta miséria, no nosso país?

É chegada a hora de, em unísono, dizermos ao Governo
que estamos a ser úteis à Nação,
que defendemos princípios nobres,
que cantamos o Humanismo,
que praticamos a correcção da Língua lusa.

Não podemos esperar mais.

Gostaríamos de lembrar, nesta assembleia de poetas e de simpatizantes de Orfeu, que, ao longo da História, a poesia teve períodos de apogeu com a dedicação, o interesse e a protecção de Governos de esplendor.

Basta lembrar a Grécia de Péricles,
a Roma de Augusto,
as Cortes provençais,
a Florença dos Médicis.

Meus Amigos,

A quase nula ajuda dos Governos do meu País à sagrada Arte da Poesia deve fazer-nos reflectir.

Esses Governos bem merecem que deles se diga o que Camões, n'Os *Lusíadas*, Canto X, estrofe 145, deixou escrito sobre os Governos e a Pátria do seu tempo:

"No mais, musa, no mais que lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho
Não no dá a pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
Dhua austera, apagada e vil tristeza"

DISSE.

2000.09.30

*Em Guimarães, no Paço dos Duques

A Semana

A VIDA

A vida é feita de sonhos,
De mil versos de ilusão,
De loucura e desvario,
De uma infinita oração.

A vida é luta, aventura
Por vales e penedias!
A vida é luar de Outono...
É o nada de meus dias!

A vida é epopeia no caminho,
A grandeza das artes, da ternura,
O sadio emergir de uma criança,
O cumprir do dever sem amargura.

É o perto e o distante do poente,
Eterno olhar em frente, sem fadário:
Delícia em apogeu do Guarujá,
Um verde imaculado sem horário.

A vida é moradia inacabada,
O pulsar pelo encanto e maravilha;
Um beber sem amargo de censura
A bela e refrescante água da bilha.

A vida é doação, é heroísmo,
Granito em melodia alvinitente:
É o mais, é o amor, é o fastígio,
Meu ninho de quietude refulgente.

2000.01.28

PAZ

Paz!
É aguarela primaz!
Quimera de maravilha!
Poema sôfrego, audaz!
Água pura, em pura bilha!

Paz!
O anseio dos meus longes de criança...
A ternura sonhada no poente...
A mais rica, suave e bela herança
Que se deixa ao porvir adolescente...

Paz!
O hino
Divino
Dum sol
Risonho,
Na grandeza da tolerância,
No perdão de sonho e fragrância...

Paz!
A idade de ouro
No cansaço
Da idade de ferro!

AMIZADE

Vou dizer-te o segredo do meu verso:
Jamais o labirinto da ilusão
Penetrou este peito de universo
Onde vive a quimera da afeição.

Na viela, na rua, na avenida,
No palpitar perene da esperança,
Adensei dia-a-dia a minha vida,
Num sermão de montanha, em segurança.

1994.01.12

ÍNDICE

Calimeras — o nome	7
Calimeras — a citação	8
Calimeras — o poema	9
Calimeras — a música	10 e 11
Grécia — in <i>Flamas</i>	12
Domingo	
Poesia	13
Poema	14
Aquarela	15
Segunda-feira	
Voz diligente	17
Vóz incómoda	18
Petição	19
Terça-feira	
Modernidade	21
Inanidade	22
Mudança	23
Quarta-feira	
De pé	25
Agora	27
Didáctica	28

Quinta-feira	
Lijó	29
Barcelos	30
Viana do Castelo	31
Sexta-feira	
Carnaval	33
Páscoa	34
Cinco séculos	36
Sábado	
A Festa da Poesia	37
A semana	
A vida	41
Paz	43
Amizade	44

Algumas Opiniões

José de Abreu

João Vale Ferreira
Um Escultor da palavra

Autor de diversas publicações, em prosa e em verso, fundador de algumas revistas de natureza pedagógica onde pontifica o seu saber de académico de mérito, este conhecido Professor das Humanidades Clássicas e de Direito da Comunicação acaba de dar à estampa mais um livro, relicário de poesia que intitulou de "Perfis I" e foi apresentado em sessão pública no auditório da Biblioteca Municipal de Barcelos num dia destes do mês de Julho.

Com uma audiência que enchia o anfiteatro daquele espaço cultural, onde vários oradores intervieram para realçar o valor da obra e o mérito inquestionável do Autor, fizeram dessa cerimónia um momento alto da reunião.

"Perfis I" é um livro que dá gosto ler. A poesia que insere, ao seu estilo filosófico de alto nível onde é mestre, faz-nos meditar no entender o seu pensamento, o que verdadeiramente se passa no imaginário deste burilador da palavra que a molda a seu gosto e faz dela uma obra-prima.

Homem de rara sensibilidade, que faz da amizade o dever primeiro do entendimento da vida, comunicador de largos recursos que enche uma sala suspensa do encanto da sua palavra, refugia-se na simplicidade do seu estar na vida para melhor entender os Homens e as suas fraquezas. Dá gosto ouvi-lo, tê-lo como companheiro, apreender os seus ensinamentos. É escutá-lo no seu "Pórtico" no "Perfis I":

*"Os nadas foram versos de meus dias,
Fervilhei na existência, com amor,
Em dádiva de sol, sem ironias,
Na rota do Poema, do esplendor."*

E no prosseguimento do seu cantar, todo ele uma sinfonia de sons privilegiados a encantar a vida na arte de a viver com gosto, João Vale Ferreira enche as quase cem páginas deste belo cancionero de harmonia e beleza ímpares que nos deliciam e nos encantam.

Homem do saber, escritor, jornalista, dirigente associativo, João Vale Ferreira é uma referência da vetusta cidade barcelense, onde todos o conhecem, o estimam, não apenas pelo valor daquilo que sabe ensinar dizer. Mas também pelas qualidades que o exornam, que o sabem amigo sem escolha nem limites, amigo de todos, um valoroso cidadão do mundo culto e do mundo rural, de toda a gente, sem excluir ninguém. Raras vezes, se reúnem tantos valores num Homem só. Mas João Vale Ferreira é isso mesmo: um Homem Bom.

Neste apreço singelo mas a interpretar a imagem que tenho dele, da sua cultura, da disponibilidade ao serviço de causas nobres, ao serviço do ensino onde pontifica o seu nome entre alunos e professores ou nas gentes menos versadas, todos o estimam e admiram. Nós, na modéstia daquilo que somos, também somos desses: dos que o admiram.

Muito mais poderíamos dizer deste Homem de excepcional merecimento das terras do Alcaide de Faria. Mas a sua modéstia, o limite que nos impõe a simplicidade do seu mundo, aconselha-nos a ficarmos por aqui, embora com vontade de dizermos mais.

São Homens assim, devotados a servir a colectividade, a dar-nos, do seu saber, as lições que precisamos, que enriquecem um povo, que elevam e prestigiam um país. E João Vale Ferreira tem esse predicado. Alia a sua modéstia ao recato do seu saber.

Parabéns, Amigo, pelo trabalho notável, que acaba de publicar e tanto merecimento tem na valorização e enriquecimento da nossa Cultura, da nossa Gente.

Jornal "Artes & Artes"

"João Vale Ferreira fala-nos, de forma magnífica do *Brasil*, "do sonho alegre de menino" dos *Lírios de Timor* do qual diz trazer "...no peito os gritos padecentes/De um povo argamassado em honradez!" e de S. Francisco de Assis, "És poeta do fraterno/Numa extensão de eufonia./És a síntese do eterno,/A essência da Poesia"

(Sobre poemas inseridos na Antologia *Poetas de Sempre*)

Benedita Stingl

O que mais me impressiona na escrita de Vale Ferreira é o rigor com que exprime a sua opinião em relação à sociedade que lhe não é indiferente e simultaneamente a sensibilidade, ânsia e memória que transmite e coloca em cada poema.

Refiro a riqueza do vocabulário que emprega e os diferentes temas abarcados nesta obra.

Com todo o sentido crítico e oportuno (de quem constantemente ensina) aliado ao conhecimento profundo da Língua Portuguesa, Vale Ferreira contribui seguramente para o enriquecimento de quem lê as suas palavras.

NOTÍCIAS DE BARCELOS

"Perfis I" do Dr. João Vale Ferreira

A poesia da obra ora publicada vem na esteira do perfil poético de João Vale Ferreira: grande sensibilidade humana, pureza de sentimentos, delicada inspiração e fina imaginação, que o tornam um valor adquirido no panorama da poesia barcelense e da região.

Carregado de bucolismo e com uma recorrente evocação das suas raízes e da infância, Vale Ferreira cria a sua Poesia, dando largas à criança que todos temos dentro de nós, legando-nos lindos poemas, dos quais destacamos "Lamento", "Regresso", "Miradouro", "A Mãe da Minha Terra", "Mistério", "Mãe" e "Paixão". Um conjunto de poemas que vale a pena ter e ler.

Vasco de Carvalho

**D. Jorge Ortiga
(Arcebispo Primaz de Braga)**

Caríssimo Vale Ferreira,

Saudações.

Obrigado pelo "Perfis" e parabéns.

É necessário a coragem de partilhar a vida..

Continua na procura de oferecer aos outros o melhor.

D. Prior Mons. Manuel Ferreira de Araújo

Ao ler os poemas de "Perfis I", senti a humanidade, a responsabilidade e a grandeza da tua alma, na maneira terna e afectuosa de tratar as pessoas.

Bem hajjas, Dr. Vale Ferreira, pela publicação deste livro.

Barcelos, literariamente, ficou mais enriquecido.

O BARCELENSE

Apresentação de Perfis I de João Vale Ferreira

Cerca de 250 pessoas participaram, na sexta 20, na Biblioteca Municipal, na apresentação pública do livro *Perfis I*, do Dr. Vale Ferreira.

O grande problema do Auditório é que foi pequeníssimo para tanta gente! Não vieram só os Barcelenses, da cidade e do concelho, mas também os de longe, os Amigos do Autor, que, sem temerem a hora tardia do encerrar da sessão, marcaram presença.

E valeu a pena terem vindo. Aconteceu *espectáculo*! Daí que ninguém tivesse arredado pé!

Não vale a pena fazer apresentação de livros para meia dúzia de pessoas. Estas coisas ou se concretizam, com elevação, em vários sentidos, ou, realmente, não prestam!

Aprendemos bastante, nas duas horas de programa diversificado!

O Dr. Lino e o Ilídio

Presidiu à sessão o Dr. António Seara, Vice-Presidente da Câmara.

Ladeavam-no: Dr. João Vale Ferreira, Dr. Mário Constantino, Dr. Vítor Pinho e Dr. Lino Moreira da Silva.

Professor Auxiliar da Universidade do Minho, Lino Moreira falou do encanto da Poesia, das qualidades de *Perfis I* e do Autor, que conhece, sobretudo, desde os tempos em que trabalharam nas *Ciências da Educação*, da Universidade do Minho.

Discurso de nível, bem preparado. Por isso, a grande ovação que, no final, lhe foi tributada!

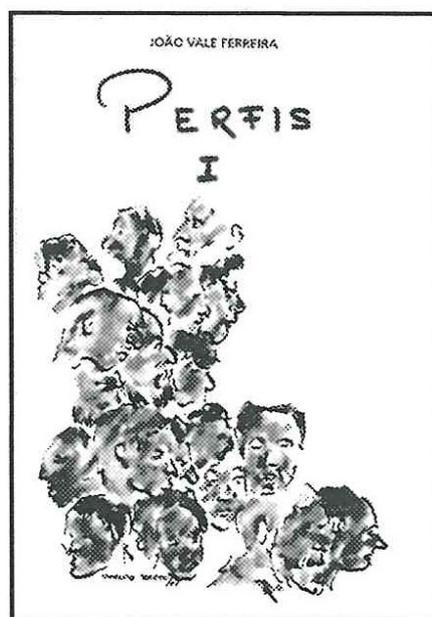
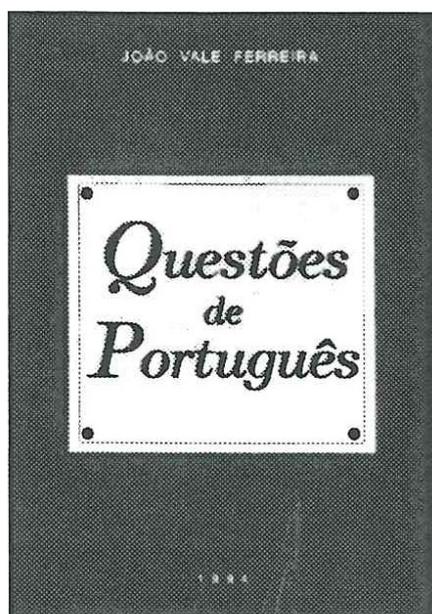
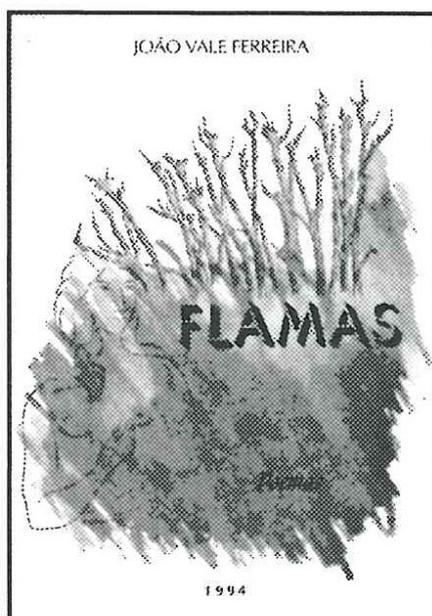
Ilídio Barros explicou, a seguir, os motivos por que o Autor o convidara para *padrinho de Perfis I*. Disse tão bem e de forma tão original que fez arrancar dos presentes uma prolongada salva de palmas.

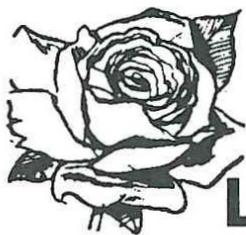
Recital de Poesia

Catorze declamadores recitaram textos de *Perfis I*.

De um modo original, foi um regalo escutar o João Paulo Ferreira, a Dr.^a Manuela Vale Campos, o João Miranda, a Dr.^a Silvana, a Ana Dias, a Dr.^a Joana Matos, a Anabela Ferreira, o António Sousa, o Ricardo Afonso, o Dr. Vítor Pinho, a Dr.^a Goreti Machado, a Benedita Stingl, a Dr.^a Graça Cardoso de Magalhães e o Armindo Cerqueira.

Foram momentos inolvidáveis! A assembleia delirou com a entoação, o gesto e o conteúdo dos poemas declamados.





LINDA ROSA

A Classe e o Prestígio
em Barcelos

Tel. 253 824 862

RESTAURANTE
CHUVA

A sala de visitas de Barcelos

Tel. 253 831 242

Barcelinhos

BARCELOS



Fundador das revistas

Farol

Escola Secundária de
Monserrate, Viana do
Castelo (1979-80)

Amanhecer

Escola Secundária de
Barcelos (1982-83)

Avenida do Minho

Escola Secundária Alcaides
Faria, Barcelos (1988-89)

Diferença

Escola de Tecnologia e
Gestão, Barcelos (1992-93)

Olhares

Centro de Formação de
Escolas do Concelho de
Barcelos (1996)

Co-fundador

Falcão do Minho

Semanário do Minho e da
Galiza, Viana do Castelo
(1987)

Autor dos livros

Questões de Português
(1994)

Flamas

(poemas) (1994)

Perfis I

(poesia e prosa) (2001)

Antologia

Figura, com vários
poemas, nos dois volumes
de Poetas de Sempre
(2000 e 2001)

REGRESSO

Volto sempre, dia e noite,
À pureza das origens:
Treze árvores me saúdam,
Sem receio de fuligens!

Ah! largo da minha aldeia
Da minha estrábica infância!
Ah! vozes em melopeia
Do matagal em fragrância!

Diz a rã, diz o fraguedo:
Volta o homem do poema!
Embala, assim, o rochedo:
Regressa o sol do teorema!

Oiço a fonte das alminhas
Entoar o meu diário
E narrar às andorinhas
Todo o meu abecedário!

E o firmamento assevera,
Num verso de melodia:
Ele tece a primavera
No inverno de cada dia.

Depois, durmo no regaço
Dum nascente de poente,
Ao som do lindo compasso
Dum chilrear refulgente.

Volto sempre, dia e noite,
À pureza das origens:
Treze árvores me saúdam,
Sem receio de fuligens!

biblioteca
municipal
barcelos



38563

Calimeras